

emoções artes e intervenção

Organizadoras

Jenny Sousa - Maria João Sousa Santos - Maria de São Pedro Lopes



emoções artes e intervenção

Organizadoras

Jenny Sousa - Maria João Sousa Santos - Maria de São Pedro Lopes



Ficha técnica

Título: Emoções, Artes e Intervenção

Organizadoras: Jenny Sousa, Maria João Sousa Santos, Maria de São Pedro Lopes

Design e composição: Rui Lobo

Esta edição foi sujeita a revisão científica por pares

—

ISBN: 978-989-8797-41-4

Edição: Digital

Editor: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais — *Politécnico de Leiria*

Ano: 2020

Índice

Apresentação.....	5
Emoções, artes e intervenção: os elementos estruturantes da animação artística.....	6
O cérebro como órgão social	16
Intervenção Social e Subjetividade: apontamentos para um debate	26
Literatura, Infância e Emoções: Representações das Emoções nos livros para crianças	38
Emoções em equipes de animação sociocultural	52
A arte de escutar as emoções das crianças na educação pré-escolar	64
As artes como ferramentas na intervenção social e educativa	74
Competências para a autonomia de vida em jovens em acolhimento residencial: estratégias na intervenção profissional.....	87
A dança criativa como lugar de reflexão sobre si, de encontro com o outro, e de construção	99
As Artes no contexto da aprendizagem ao longo da vida: relato de uma experiência	111
Ler em comunidade: um olhar sobre o clube de leitura e de escrita dos estudantes do programa 60+	123
Memórias fotográficas do Vau	136
Céu de afetos® abraça emoções com o Coração	148
Pequena percepção sobre os afetos	159
«Juntar, colar, sentir - uma experiência de criação plástica».....	169
Cuidar e estimular o idoso dependente institucionalizado	179

Apresentação

A 1.^a edição da Conferência Internacional Emoções, Artes e Intervenção configura-se a partir de uma parceria entre a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria, a Universidade do FEEVALE, o Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.Nova.IPLeia) e o Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI).

A Conferência teve como tema as Emoções, a Arte e a Intervenção realizada nos mais variados contextos da sociedade contemporânea. Estas temáticas foram tratadas numa perspetiva multidisciplinar que visou potenciar sinergias de matérias científicas ou reflexivas, impulsionadoras da discussão acerca do pensamento emocional e do seu papel concreto na ação humana. As comunicações apresentadas, e agora inscritas neste livro, partiram da ideia de que o comportamento humano envolve a escolha, consciente ou inconsciente, entre cursos alternativos de ação e que estes processos se desenvolvem através de mecanismos neurofisiológicos, enquadrados por perceções sobre os contextos de decisão, avaliação da situação em que a decisão decorre, o conteúdo da decisão e a antecipação dos seus resultados.

A discussão, centrada em torno das emoções, da arte e da intervenção, contou com a participação de reconhecidos especialistas, de diversas áreas do conhecimento, que se debruçaram sobre saberes e práticas que se revelam potenciadoras do desenvolvimento do pensamento emocional, alterando crenças por partes dos agentes educativos e dos atores sociais sobre a importância de uma ação significada que potencie as características de cada um na afirmação de si e na construção da sociedade em que se expressa, mudando-a. O livro organiza-se em duas secções: a primeira contém os artigos apresentados na conferência e a segunda parte os textos que resultaram dos workshops.

Os temas apresentados perspetivam ideias que versam sobre as aprendizagens e os mecanismos envolvidos, colocando ênfase nas questões emocionais e como essas se objetivam nas práticas de intervenção com indivíduos, grupos e comunidades, utilizando as artes.

A Comissão Organizadora

Jenny Sousa, Maria João Santos e Maria de São Pedro Lopes

Emoções, artes e intervenção: os elementos estruturantes da animação artística

Jenny Gil Sousa^{a, b, c}

^aESECS – Politécnico de Leiria

^bCICS.NOVA – Politécnico de Leiria–iACT

^cCI&DEI – Politécnico de Leiria

Resumo

Juntar, no âmbito da intervenção, emoções e artes implica optar por uma metodologia ligada à animação artística. Na verdade, a arte é uma força poderosa e omnipresente que ajuda o indivíduo a modelar as atitudes, as crenças e os comportamentos e que, como tal, se salienta enquanto expressão da existência em sociedade e como instrumento de compreensão das atitudes da vida. Através das artes, o mundo torna-se mais inteligível, acessível e familiar e as emoções são parte intrínseca de todo este processo ao possibilitarem uma experiência a dois tons: pessoal e social. As linguagens artísticas facilitam a conexão com as nossas emoções numa linguagem que é partilhada, mas também única, uma vez que cada um de nós sente e age de forma singular. As artes possibilitam a (re)construção de mecanismos de desenvolvimento dos indivíduos e das comunidades pois aumentam a consciencialização dos problemas e a procura de diferentes modos de os solucionar. É neste quadro que as artes se salientam enquanto ferramentas privilegiadas na intervenção social porque permitem envolver os indivíduos em processos artísticos que decorrem, paralelamente, de duas maneiras: para dentro, gerando consciência individual e fortalecimento, e externamente, gerando consciência coletiva, empoderamento da comunidade e mudança social (Ruiz, 2018). E em todo este processo estão as emoções, sempre!

Palavras-chave: Artes; Emoções; Intervenção Social; Animação Artística; Desenvolvimento Comunitário.

1. Emoções? Artes? Na intervenção social?

Falar de emoções e de artes implica abrir uma porta de inesgotáveis questões, teorias, modos de pensar e de sentir (perdoem a redundância). Todavia, a verdade é que as emoções e as artes fazem parte da nossa vida, são parte de nós, mas são muito difíceis de conceituar e de definir. O que são emoções? E o que é a arte? Não conseguimos ainda encontrar uma resposta que inteiramente nos satisfizesse.

Ainda estamos na procura, na escolha da definição que mais sentido faz para cada um de nós. Portanto, não será objetivo deste trabalho adentrar definições ou promover conceitualizações. Também não pretendemos cingir-nos à arte enquanto objeto estético, que “vive” em espaços concretos (como museus, teatros, auditórios) e da genialidade do artista, perspetivada de uma forma exclusiva e elitista perante um público com capital social e económico. Pelo contrário, interessa-nos a arte que se cria e desenvolve num determinado contexto social, cultural e comunitário e que toma uma função social (Ruiz, 2018). Interessa-nos, pois, discutir a forma como estes dois conceitos – emoções e arte - se alimentam e se enriquecem naquilo que é a intervenção, designadamente social e comunitária.

Temos consciência de que muitas definições que se elaboram em torno destes conceitos são feitas a partir das distintas interpretações e valorizações que se fazem consoante os contextos. Contudo, uma coisa é certa: a arte é uma linguagem inata e um bem comum que nos acompanha desde o nascimento. Por isso, o ser humano utiliza as artes e as linguagens artísticas para promover um intercâmbio com o que o rodeia e para se situar no mundo; em bom rigor, para se conhecer melhor a si próprio e aos outros.

Com efeito, a arte é uma força poderosa e omnipresente que ajuda o indivíduo a modelar as atitudes, as crenças e os comportamentos. Neste sentido, a arte é, sobretudo, expressão da existência em sociedade e instrumento de compreensão das atitudes da vida: “as artes exprimem problemas vivenciais na medida em que grande parte do significado da vida em geral pode ser apreendido por meio das artes” (Best, 1996, p. 42).

Através das artes, o mundo torna-se mais inteligível, acessível e familiar. Assim, e tal como defende Chalmers (2003), a arte pode ser utilizada para consignar, transmitir e gerar significados, qualidades e ideias, tendo, por isso, um

papel de continuidade e de trocas culturais. Nesta linha, as artes também podem ajudar a identificar problemas, a refletir sobre condições socioculturais e encontrar visões alternativas.

Com esta ideia como pano de fundo, já Marin (1976) defendia a evidente indissociabilidade entre o fenômeno da arte e o conceito psicológico e sociológico, uma vez que quem pratica uma atividade artística sofre influências do meio, consciencializa-se, faz opções diante de todos os fatores que o envolve e exprime-se, comunicando-as a quem dela usufrui. Prevalece uma postura ativa, de ligação a si mesmo e de posicionamento perante o que o envolve, onde as emoções são ingredientes principais.

As emoções são parte intrínseca de todo este processo, que possibilitam uma experiência a dois tons: pessoal e social. As linguagens artísticas facilitam a conexão com as nossas emoções numa linguagem que é partilhada, mas também única, uma vez que cada um de nós sente e age de forma singular.

Estes mecanismos, desencadeados pelas artes, aumentam a conscientização sobre os problemas e a forma de os solucionar. Quando os indivíduos iniciam um processo artístico, há uma conexão entre o mundo interno e externo e as artes transformam-se em ferramentas que nos permitem expressar sentimentos, emoções, pensamento subjetivo e experiências, bem como gerar pontes entre o mundo interior e exterior (Ruiz, 2018).

As linguagens artísticas manifestam-se através da unificação da mente e do corpo (Ruiz, 2018), revelando-se numa corporalidade que fornece informações e que gera impacto em nós mesmos e nos outros. Este tipo de experiência requer encontro, risco, exposição, afetação e transformação (Montero & Alcaide, 2015).

Trata-se de viver experiências e aprender com processos únicos e transformadores e é por isso que a aprendizagem é gerada. Assim, vincula-se à própria educação e transformação comunitária: “a arte tem uma capacidade transformadora da pessoa e da comunidade. Criatividade, transformação, identidade e pertença são conceito chave que podem ser desenvolvidos através de linguagens artísticas e que promovem o empoderamento” (Alcántara, 2016, p.22).

O sujeito, que não está sozinho, mas em relação com o outro, procura alternativas para se superar através das expressões artísticas. Está, pois, em jogo

questões relacionadas com a identidade e a pertença. As expressões artísticas ajudam a explorar de diferentes maneiras e sem limitações, o nosso lugar no grupo e a encontrar o nosso papel em relação ao objetivo coletivo. Com efeito, quando o indivíduo se sente parte de um projeto é o primeiro passo para assumir responsabilidade ativamente.

Nesta linha de argumentação, Alba Ruiz (2018) defende que “o processo artístico flutua de duas maneiras: para dentro, gerando consciência individual e fortalecimento, e externamente, gerando consciência coletiva, empoderamento da comunidade e mudança social” (2018, p. 9).

Por isso que é as práticas artísticas colaborativas são ferramentas tão profícuas no desenvolvimento de sujeitos e de comunidades. Na opinião de Montero e Alcaide (2015), as práticas artísticas colaborativas optam por uma visão contrária à comercialização da prática cultural.

Na verdade, os projetos que se consubstanciam neste tipo de práticas estão orientados para a promoção da colaboração enquanto forma privilegiada de dar resposta às necessidades contextualizadas, na transformação de situações problemáticas através dos diferentes agentes sociais e culturais.

Com efeito, e tal como explica Sánchez de Serdio (2010), a arte comunitária é muito diversificada, mas em muitos projetos está diretamente associada ao facto de existir um projeto artístico intrínseco à transformação do sujeito. Contudo, é de salientar que a transformação pode ocorrer sobretudo ao nível da consciência das pessoas e não promover, no imediato, uma mudança estrutural no mundo.

Muitas vezes, a primeira transformação dá-se ao nível interior dos sujeitos que adquirem uma nova perspetiva de si e da sua posição na sua comunidade. O indivíduo passa a problematizar, a construir espaços de transformação crítica e de desenvolvimento.

Em suma, falar das artes na intervenção social é falar de emoções e de mudança. É falar de experiências que promovem processos transformadores porque permitem conhecer mais profundamente os indivíduos, os contextos e a cultura que os rodeia, mas, também, porque permite trabalhar no sentido de garantia da identidade, de continuidade e de renovação para se concretizarem enquanto cidadãos. Neste processo, emerge a animação artística enquanto metodologia privilegiada. Falaremos acerca desta no ponto a seguir.

2. Animação artística: uma metodologia privilegiada de intervenção comunitária

A animação artística, enquanto ramo da animação sociocultural, destaca-se como forma de intervenção nos territórios e nos trabalhos efetivos e prolongados em grupos e comunidades. Esta metodologia promove a força dos indivíduos, desafia as mentalidades, explora projetos de interação e incentiva a aceitação da diversidade; cria o novo, acolhendo o antigo (Leitão & Lopes, 2013).

Porque a animação artística se desenvolve no âmbito específico da animação sociocultural parece-nos pertinente tecermos algumas considerações teóricas em torno deste conceito.

A animação sociocultural, tal como nos explica Sara de Miguel Badesa (1999), é um processo dirigido à organização de pessoas para levar a cabo projetos e iniciativas, partindo da cultura e do desenvolvimento social. Ainda segundo a autora, este processo é composto por quatro eixos basilares: cultura, organização de pessoas, projetos e iniciativas e desenvolvimento social. Assim, a animação sociocultural consubstancia-se num conjunto de ações que oferecem ao indivíduo a possibilidade de este se converter em agente do seu próprio desenvolvimento e de ter um papel ativo no desenvolvimento da sua comunidade. Este tipo de processo tem em conta necessidades reais e os interesses das pessoas e apoia-se numa pedagogia ativa e dinamizadora.

Com efeito, a animação sociocultural é constituída por um conjunto de práticas sociais que, baseadas numa pedagogia participativa, têm a finalidade de atuar em diferentes âmbitos da qualidade de vida, com o fim último de promover a participação dos indivíduos no seu próprio desenvolvimento sociocultural, criando espaços para a comunicação interpessoal (Serrano & Puya, 2006).

Uma leitura atenta à literatura da especialidade (Cerda, Cerda & Cerda, 2006; Quintas & Cataño, 1998; Serrano & Puya, 2006; Trilla, 2004) permite-nos perceber a dificuldade de definição deste conceito. Contudo, também percebemos que esta dificuldade de definição revela a complexidade e a multiplicidade de facetas que a animação sociocultural apresenta.

Não temos espaço neste trabalho para realizar uma pesquisa exaustiva deste conceito, por isso, iremos apenas realizar um levantamento acerca do que coincidem as definições de animação sociocultural. Assim, parece ser unânime para os diversos autores (Serrano & Puya, 2006; Trilla, 2004, Ventosa,

2002) que animação sociocultural é uma metodologia desencadeadora de projeção social e cultural, de desenvolvimento e de mudança desde a participação ativa dos próprios beneficiários ou protagonistas da prática.

Embora o trabalho de Pierre Besnard (1999) apresente já alguns anos, este continua a ser estruturante para perceber as funções da animação sociocultural. As funções apresentadas pelo autor não se esgotam em si e muitas das vezes passam as fronteiras para se alimentarem e enriquecerem. Contudo, é uma forma estruturada de entendermos os objetivos que este conceito complexo possui. Segundo o autor (Besnard, 1999), a animação sociocultural tem a função de socialização, na medida em que é um instrumento de integração da pessoa e dos grupos sociais na realidade comunitária complexa e em mudança; tem também uma função lúdica e recreativa, pois apresenta-se como uma estratégia de desenvolvimento e de experimentação do tempo livre como tempo de disfrute enriquecedor e de autorrealização.

A função educativa e cultural está associada à sua faceta de educação não formal, possibilitando a aprendizagem para o autodesenvolvimento, compreendendo todos os âmbitos da vida do indivíduo e considerando, especialmente, a inserção e o desenvolvimento comunitário, onde a vivência participativa da cultura seja mais um meio para o crescimento vital.

A função da regulação social está relacionada com a prática dos valores democráticos de igualdade social e no desenvolvimento de uma ação compensatória no que respeita às desigualdades sociais.

Por fim, a função inovadora e crítica, associada à reflexão e ao questionamento da realidade e da motivação para a atividade crítica e criativa nas comunidades de pertença, mediante estratégias de dinamização. Destaca-se na luta contra situações de conformismo, passividade e estancamento comunitário, evidenciando preocupação em não cair em qualquer tipo de manipulação e simplificação normalizadora relativamente ao status quo social.

Assim, a relação entre animação sociocultural e educação comunitária é evidente (Caride, 2012; Ruiz, 2018) porque ambos são processos de socialização e de construção, individual e coletiva, da condição cidadã de cada um de nós. Em bom rigor, trata-se de duas práticas que, como pessoas e comunidades, são influenciadas pelos nossos particulares modos de ser-estar no mundo, sobretudo quando a elas se associam valores tão importantes para a convi-

vência como a liberdade, a justiça, a paz, a equidade ou a democracia.

Com efeito, e na senda do defendido por António Caride (2012), quando falamos de animação sociocultural e de educação comunitária não nos podemos esquecer de uma componente fundamental que é a cultura. A cultura emerge enquanto elemento crucial nesta relação pois é um pilar fundamental para o pleno desenvolvimento da personalidade humana e da vida em comum.

A animação sociocultural e a educação comunitária trabalham no âmbito de um modelo que preconiza o desenvolvimento holístico dos indivíduos e das comunidades, no sentido de favorecer a plena formação dos sujeitos, tendo em linha de conta o desenvolvimento da criatividade e das capacidades de expressão e comunicação de cada um, contribuindo para o seu pleno equilíbrio (Ramos, 2011).

Estamos, portanto, perante uma educação que anime e uma animação que eduque: assente em valores como igualdade, justiça, solidariedade, paz, participação social, evitando noções ideológicas do positivismo. Para o conseguir, é preciso dotar-se de uma visão multi-inter-disciplinar e transversal que requer saberes e práticas sociais, educativas, culturais e artísticas: não só para propiciar uma maior e melhor compreensão das realidades, mas também para intervir nas mesmas com um projeto cívico em que a educação (social, comunitária...) e a animação (social, cultural, comunitária, etc.) sejam pedagógica e socialmente libertadoras (Caride, 2012).

Face ao exposto, considera-se que a intervenção social tem, nos métodos e técnicas da animação artística, um preciso contributo no sentido de gerar respostas criativas e inovadoras, com vista a um perfeito desenvolvimento biopsicossocial e cultural dos indivíduos e das comunidades.

A animação artística, enquanto promotora de valores, tem como primeira preocupação a definição clara do modelo de cultura ao qual dirige os seus esforços, assim como os conteúdos e valores culturais e artísticos a desenvolver. Enquanto âmbito da animação sociocultural, a animação artística reconhece o pluralismo cultural e a autonomia dos destinatários, promovendo a democracia cultural. Capacita os sujeitos para a análise, a organização, a criação e a expressão criativa, tendo como pano de fundo os valores e o desenvolvimento dos indivíduos e das comunidades.

Tal como explicam Madalena Leitão e Joana Lopes (2013), neste processo a principal preocupação da animação artística é favorecer o que o diálogo entre o fazer expressivo-artístico e outras culturas, artes e estéticas, originando projetos diversificados. Estes projetos têm a capacidade de “desbloquear os limites dos processos criativos e capacitar a população para ser agente do seu próprio desenvolvimento, propondo, deste modo, alternativas à cultura massificada e à imposição de uma monocultura à escala global” (Leitão & Lopes, 2013).

Com efeito, a animação artística é um elemento transformador que permite desvendar os problemas de uma comunidade e, juntamente com os sujeitos, proporcionar soluções de imaginação e criatividade, construindo uma análise sensível e apropriada e fornecendo metodologias de resolução de conflitos sem violência em que valores humanos adquirem o carácter de guias dos atos e da ação (Oliveros, 2017).

Na mesma linha de argumentação, também Leitão e Lopes (2013) defendem o papel preponderante que a animação artística detém na criação de dinâmismos culturais que se repercutem direta ou indiretamente no tecido social e económico do território onde exercem a sua ação.

Em jeito de síntese, gostaríamos de reiterar a importância da animação artística no fomento da participação consciente e crítica dos sujeitos e das comunidades. Na realidade, a animação artística alcança o pleno sentido quando promove a participação comunitária, implicando as pessoas nos processos. Neste desiderato, caracteriza-se por superar o conceito de cultura como consumo para avançar para uma cultura de participação, onde as artes têm um papel fulcral. Na verdade, as artes são boas ferramentas na intervenção social porque permitem interpolar, internalizar, expressar, através do processo artístico que flutua de duas maneiras: para dentro, gerando consciência individual e fortalecimento, e externamente, gerando consciência coletiva, empoderamento da comunidade e mudança social (Ruiz, 2018). E em todo este processo estão as emoções, sempre!

Bibliografia

Alcántara, A. (2016). *Circ, educació i transformació social. El projecte pedagògic de l'Ateneu Popular de 9 Barris*. Barcelona: Bidó de Nou Barris i Neret edicions. Acedido

em https://ateneu9b.net/sites/default/files/ateneu_web_newok.pdf

- Badesa, S. (1999). El animador sociocultural. Características, funciones, tareas y formación. In S. Badesa, A. Pilar e M. Martín (Coord.), *Génesis y sentido actual de la animación sociocultural* (pp. 49-84). Madrid: Sanz y Torres.
- Besnard, P. (1999). *La animación sociocultural*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Cerdá, R., Cerdá, P. e Cerdá, M. (2006). *Animación cultural – Servicios socioculturales y a la comunidad*. Barcelona: Altamar.
- Best, D. (1996). *A racionalidade do sentimento – o papel das artes na educação*. Coleção Perspetivas Actuais. Lisboa: Edições ASA.
- Caride, J. (2012) “De la educación a la animación en sociedades complejas: o la reivindicación de un quehacer pedagógico y sociocultural crítico”. IN *Atas do V Coloquio Internacional Animación Sociocultural – Cultura, Educación y Ciudadanía. Facultad de Educación*. Universidad de Zaragoza – Instituto de Educación y Políticas Sociales de Aragón. pp. 59-69.
- Cerdá, R., Cerdá, P. e Cerdá, M. (2006). *Animación cultural – Servicios socioculturales y a la comunidad*. Barcelona: Altamar.
- Chalmers, F. (2003). *Arte, educación y diversidad cultural*. Barcelona: Paidós.
- Leitão, M. & Lopes, J. (2013). Animação, Património e Território: a Animação Artística ao serviço da Comunidade. *Educareducere*, 15 (1), pp. 25-39. Acedido em https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2653/1/Educare%20educere_Madalena_Leitao.pdf.
- Marin, A. (1976). *Educação, Arte e criatividade: estudo da criatividade não verbal*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- Montero, M. & Alcaide, J. (2015). Retos y complejidades de las prácticas artísticas colaborativas y las pedagogías colaborativas. *Pulso – Revista de Educación*, 38, pp. 57 – 72. Acedido em <https://revistas.cardenalcisneros.es/index.php/PULSO/article/view/187/161>.
- Oliveros, F. (2017). La animación artística. *Quaderns d'animació i Educació Social – Revista semestral para animadores e educadores sociales*, 26, pp. 1-7. Acedido em <http://quadernsanimacio.net>.
- Quintas, S. & Castaño, M. (1998). *Animación Sociocultural – Nuevos Enfoques*. Salamanca: Amarú Ediciones.
- Ramos, A. (2011). O papel da animação sociocultural na educação artística. *Revista Alentejo Educação*, 3, pp. 59-65. Acedido em <http://boletinf.drealentejo.pt/>

[revista/Revistas_PDF/Revista_3/Papel_Animacao_Sociocultural_Educao_Artistica.pdf](#)

- Ruiz, A. (2018). La intersecció entre l'educació comunitària, les expressions artístiques i la política. *Quaderns d'animació i Educació Social – Revista semestral para animadores e educadores sociales*, 27, pp. 1-23. Acedido em http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/veintisiete/index_htm_files/La%20interaccio.pdf
- Sanchez de Serdio, A. (2010). Arte y educación: Diálogos y antagonismos. *Revista Iberoamericana de Educación*, 55, pp. 43-60. Acedido em <http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/59348/1/576791.pdf>
- Serrano, G. e Puya, M. (2006). *Qué es la animación sociocultural – Epistemología y valores*. Madrid: Narcea S.A. de Ediciones.
- Trilla, J. (2004) (Coord.). *Animação Sociocultural – Teorias, programas e âmbitos*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ventosa, V. (2002). *Fuentes de la animación sociocultural en Europa*. Madrid: Editorial CCS.